



# O Bom Jesus do Padrão da Serra: origem de um culto entre a devoção e a emulação

---

Cristiano Cardoso \*

## Palavras-chave

Bom Jesus; Barrosas (Santo Estêvão); capela

## Keywords

Bom Jesus; Barrosas (Santo Estêvão); chapel

## Resumo

*O texto agora apresentado tem como principal objetivo identificar a origem e evolução do culto ao Bom Jesus do Padrão da Serra, inserindo-o e contextualizando-o com o desenvolvimento de sucessivas construções que materializaram essa devoção. Paralelamente procura-se expor e clarificar uma presumível relação de carácter emulativo com o templo vizinho do Bom Jesus da Portela de Barrosas.*

## Abstract

*The present paper aims to identify the origin and evolution of the cult of the Bom Jesus do Padrão da Serra, inserting it and contextualizing it with the improvement of successive constructions that materialized this devotion. In parallel, it seeks to expose and clarify a supposed association of emulative character with the neighboring temple of Bom Jesus da Portela de Barrosas.*

---

\* Técnico Superior de História. Câmara Municipal de Lousada (cristiano.cardoso@cm-lousada.pt)

## 1. Introdução

A capela do Bom Jesus do Padrão da Serra, atualmente identificada apenas como capela do Senhor do Padrão, está situada na freguesia de Barrosas (Santo Estêvão), concelho de Lousada, em posição destacada relativamente ao vale da ribeira de Sá, um dos principais afluentes do rio Vizela.

A sua origem está envolvida numa lenda que sugere a concretização de um milagre. Vamos procurar analisar o conteúdo dessa lenda, pondo de parte a hierofania e incidindo sobre a matéria que, de forma crítica, poderá ser objeto de “resgate” historiográfico. Com efeito, muito do que vem explanado na *Memória e lembrança do princípio da capela do Padrão* foi possível verificar e confirmar através do exame da documentação disponível. Verificaram-se, contudo, anacronismos que aconselharam cautelas e suscitaram interpretações que sugerem uma tentativa deliberada de fazer recuar a origem do culto a um período mais antigo do que aquele que se pode escrutinar através da documentação.

Em simultâneo experimentou-se averiguar um, já evocado, fenómeno de emulação com o culto vizinho do Bom Jesus da Portela de Barrosas, que se desenvolve no santuário hoje simplesmente designado de Bom Jesus de Barrosas, situado na freguesia de Idães, concelho de Felgueiras<sup>1</sup>. Para isso teve que se analisar, forçosamente, a origem deste culto e da primitiva capela e conhecer, ainda que superficialmente, o enredo de litígios que, durante mais de uma centena de anos, dividiram os párcos de ambas as freguesias.

Ao longo do texto será sempre usada a nomenclatura antiga – Bom Jesus do Padrão da Serra e Bom Jesus da Portela de Barrosas – para mais esclarecido confronto com as fontes utilizadas para este trabalho.

## 2. Fixação da memória popular

Sobrevive na cultura popular local uma memória da origem da capela do Bom Jesus do Padrão da Serra. Esta narrativa, conquanto os anacronismos e algumas imprecisões, merece a nossa atenção, pois reflete simultaneamente o vigor e a credulidade da devoção popular. Aí se assinala um suposto início desta devoção e, por consequência, da própria capela, que se difundiu e perpetuou até à atualidade com divisa de verdade. Subjaz da referida narrativa um inelutável paralelismo com a origem e tradição do vizinho santuário do Bom Jesus de Barrosas, evidenciando um fenómeno de possível emulação que mereceria estudo específico, mas que iremos aflorar.

Segundo a tradição, o início ter-se-á relacionado com um voto feito ao Bom Jesus (da Portela de Barrosas?) por um homem, António Pacheco, proveniente da casa de Além de Baixo, que, pretendendo casar-se com Maria Pacheco, da casa de Ventoselas, procurou livrar-se de uma pressuposta impreciação que recaía sobre esta casa – o costume de nunca haver bom relacionamento entre os sogros e os genros. António Pacheco fez o voto de mandar erguer um cruzeiro na serra se o Bom Jesus auxiliasse a boa convivência familiar.

Com o falecimento do sogro, António Pacheco deu cumprimento à promessa pois, graças à intercessão do Bom Jesus, foi contrariado o anátema que perseguia a família e a casa de Ventoselas.

<sup>1</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida já havia chamado a atenção para esta questão: *O pequeno santuário do Senhor do Padrão, em Santo Estêvão de Barrosas, terá muito a ver com o vizinho Bom Jesus de Barrosas. [...] É uma construção feita de um só jacto e deve ter sido originada em qualquer “milagre” do Senhor do Padrão, numa emulação com o do Bom Jesus de Idães. Apesar de, em boa medida, discordarmos da apreciação deixada pelo insigne professor, como se reflectirá ao longo deste texto, não podemos deixar de assinalar que foram as suas observações que nos suscitaram o interesse por esta temática. E, como ele próprio observava, era importante sabermos um pouco da sua história, sobre a fundação deste pequeno santuário, construído com certa grandeza (1995:ficha 126).*



Figuras 1. A capela do Bom Jesus do Padrão da Serra.

Ainda de acordo com a memória popular, dois irmãos do dito António Pacheco contribuíram para a colocação de uma imagem (de Cristo Crucificado?) no cruzeiro. A imagem angariou nas redondezas grande reputação de milagrosa, o que fez as ofertas aumentarem substancialmente, construindo-se uma caixa de esmolas para colocar junto do padrão. Já falecido o devoto, foi o seu irmão, Manuel Pacheco, que, com o valor das esmolas, mandou construir um nicho abobadado sobre o cruzeiro. Com a afluência crescente de romeiros e devotos foi decidido pelo pároco da freguesia construir a capela que, segundo a memória, no ano de 1640, já estaria concluída.

A *Memória e lembrança do princípio da capela do Padrão*<sup>2</sup> constituiu, desde a sua redacção, o mais abonado testemunho da origem da devoção e das diversas construções associadas (cruzeiro, nicho, capela). Como se verá adiante, a sucessão de informações relativas aos diversos momentos de construção estão, globalmente, de acordo com a documentação que foi possível compulсар para este estudo. Também os intervenientes, desde o devoto e seus familiares, aos tesoureiros, correspondem aos dados recolhidos, acrescentando ainda, esta memória, dados relativos ao

mestre pedreiro que assumiu a obra do cruzeiro, informação que não detínhamos e que nos parece verosímil.

A suspeita recai fundamentalmente sobre a cronologia apresentada por este documento, pois declara-se que as obras da capela, mandadas executar pelo pároco, terão sido concluídas até ao ano de 1640, data contrariada pela documentação. O autor desta memória, Domingos Pacheco Monteiro, da casa de Além de Baixo, afirma tê-la escrito em 1739, precisamente o ano em que o cruzeiro foi executado e dez anos antes de se iniciar o processo que levou à construção da capela. Com base nos dados que possuímos torna-se impossível determinar se estamos perante erro involuntário ou se, pelo contrário, se pretendeu deliberadamente fazer recuar a antiguidade da origem da devoção ao Bom Jesus do Padrão da Serra, numa hipotética atitude de concorrência com o vizinho Bom Jesus da Portela de Barrosas. Impõem-se as questões: terá havido intenção de fazer recuar a origem do Bom Jesus do Padrão da Serra a uma data anterior à do Bom Jesus da Portela de Barrosas, procurando, por essa via cronológica, alguma primazia? Teria existido um cruzeiro anterior ao que foi erguido em 1739 que suscitasse as imprecisões cronológicas e a confusão em relação ao dedicante?

<sup>2</sup> Este documento, guardado no Arquivo da Casa das Pereiras, não existe na sua versão original, mas sim numa pública-forma elaborada pelo tabelião João António Calleia, do Seixal. Foi publicado pela primeira vez em CARVALHO, Abílio Pacheco de – *Pachecos. Subsídios para a sua genealogia*. Lisboa: [s.n.], 1985. p 562.

### 3. Para o entendimento de um possível fenómeno emulativo

Neste ponto importa inserir alguns dados que ajudam a compreender e aceitar um possível contexto de emulação. Fica documentalmente provado que as obras do Bom Jesus da Portela de Barrosas se iniciaram em 1672 por iniciativa de Domingos da França, natural da freguesia de Santo Estêvão de Barrosas, do lugar de Cimo de Vila, mas a viver n'Ó Salvador da Baía de Todos os Santos, Brasil. Esta circunstância pode ser verificada através da análise de um conjunto de três documentos que foram copiados no Registo Geral, do arcebispado de Braga, e que serviram para formalizar a constituição de património para a fábrica da referida capela<sup>3</sup>. O devoto confirma ter mandado construir e ser o fabricante *da Capella que se fas, do Bom Jesus da Portella* (Obrigação à fábrica..., 1675:fol. 64).

Domingos da França, passou procuração, na nota do tabelião Miguel Coelho Henriques, da Baía, a seu irmão Gonçalo António, residente no lugar de Cimo de Vila, ficando este mandatado para tratar de todo o processo respeitante ao património, rendimento e fábrica da capela.

É neste contexto que Gonçalo António vai adquirir, por compra, no final do ano de 1672 (como se pode verificar da nota de pagamento da sisa passada pela câmara de Guimarães), duas medidas de pão meado a Belchior Fernandes, do lugar da Venda, impostas perpetuamente sob o Campo da Presa das Vinhas, tudo na freguesia de Santo Estêvão. Na mesma condição, de procurador e, por consequência, de fabricante, Gonçalo António recebeu, de doação, de Belchior Fernandes, uma medida de pão meado *em cada hum anno pera a fabrica e gastos da capella do Bom Jesus da Portella sito na dita freguesia de Santo Estevão* (Idem, 1675:fol. 65).

Fica, portanto, evidente que a fundação da capela primitiva dedicada ao Bom Jesus, do lugar da Portela de Barrosas, de deveu à acção de um homem natural de Santo Estêvão e residente na Baía. O património vinculado à capela, para o seu sustento, também foi constituído com base em terras localizadas na mesma freguesia. Dos subsequentes passos ligados à administração da capela não temos dados, nem tal questão se enquadra nesta nossa análise, mas tudo indica que, a breve trecho, a fábrica da capela passasse para as mãos de uma confraria entretanto constituída.

A questão controversa, que alimentou litígios, pelo menos, durante os cem anos seguintes, entre os párocos de Idães e os de Santo Estêvão, prendeu-se com a localização da capela. Em nossa opinião, foi esta a circunstância e, sobretudo, a deliberação tomada, que poderá ter desencadeado o processo de reprodução devocional que se concretizará na capela do Bom Jesus do Padrão da Serra.

Com efeito, o local onde foi construída a primitiva capela do Bom Jesus da Portela de Barrosas situa-se nos limites das duas freguesias e foi esse facto que provocou os diferendos. Sobre esta questão conhece-se uma primeira sentença apostólica, do ano de 1692, conseguida pelo pároco de Idães, Jacinto Álvares, contra o pároco de Santo Estêvão, Domingos Teixeira, sobre os direitos da capela e do *çitio della* (Sentença..., 1787:fol. 100). Esta deliberação, que cremos ser a primeira a favor dos interesses de Idães, terá provocado reacções já que em 1786 houve necessidade de fazer vedoria de limites *especialmente no lugar de Barrozas e cazas que de novo nelle se edificarão, e porquanto já entre alguns dos antecessores dos suplicantes ouverão vários litígios, e sentenças que ainda não deçidem toda a duvida* (Idem, 1787:fol. 99v). A sentença tirada na sequência da vedoria de limites, datada de 1787, foi, mais uma vez, favorável à manutenção do Bom Jesus no termo da freguesia de Idães<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Referimo-nos concretamente à *Obrigação a fabrica do cappella do Bom Jessus da Portella sitta na freguesia de Santo Estevão de Barrozas termo de Guimarães*, copiadas no Livro 17 do Registo Geral a 26 de janeiro de 1675, que passaremos a denominar de *Obrigação à fábrica...* e que se compõe de três escrituras todas relacionadas com a constituição do património fundacional da capela.

<sup>4</sup> Não se insere no âmbito deste estudo a análise deste interessante e bem documentado processo de definição de limites. Procura-se, unicamente, concorrer com dados e subsidiar ou contrariar uma teoria de emulação que temos vindo a preconizar.

Pelo exposto até aqui, parece existir uma reação por parte da paróquia no sentido de colmatar uma protestada “perda” do Bom Jesus da Portela de Barrosas através da fundação de um templo com características devocionais muito semelhantes. Contudo, e pelos argumentos que apresentaremos de seguida, estamos convencidos que, pelo menos no que concerne à sua origem, o Bom Jesus do Padrão da Serra pode não encerrar esse carácter emulativo. Esse cariz de competitividade, esse sentimento de igualar e exceder, tão característico da rivalidade entre paróquias vizinhas, terá sido impresso posteriormente.

#### 4. O Bom Jesus do Padrão da Serra – origem da devoção

Seguidamente, com base na documentação, em referências de fontes impressas e nos elementos arquitetónicos remanescentes, definir-se-á um percurso cronológico que, de forma apoiada e substancialmente precisa, nos guiará desde o levantamento do primitivo cruzeiro até à realização das últimas obras de relevo na capela.

Na sequência das obras de requalificação arquitetónica da capela e de restauro do património integrado, que determinaram a desmontagem total do retábulo-mor, foi possível revelar, em toda a sua grandeza, um cruzeiro que permanecia praticamente oculto. A sua existência não era desconhecida, mas a forma como estava incorporado e envolvido no retábulo e no próprio soalho da capela-mor, impossibilitava uma leitura global da sua dimensão, do seu trabalho escultório e de outros elementos fundamentais à sua identificação. Era possível, por trás do retábulo-mor, observar-se parcialmente a sua coluna, que revelava pintura e uma inscrição com a data de 1739. A base estava completamente selada pelo soalho e o resto da coluna e capitel envolvidos pela estrutura do retábulo, ocultos por trás do trono. Apenas a cruz com um Cristo esculpido se encontrava

visível, colocada sobre uma estrutura de madeira, em frente ao trono, imediatamente acima do sacrário.

A desmontagem do retábulo colocou a descoberto a totalidade da coluna e o capitel do cruzeiro, revelando uma legenda pintada na face frontal do fuste, já muito gasta, mas cujo conteúdo foi possível recuperar parcialmente. O levantamento do soalho possibilitou a visualização da base do cruzeiro e de uma inscrição aberta na sua face frontal. Esta inscrição há décadas (senão mesmo há mais de duas centenas de anos, se atendermos à cronologia da estrutura retabular que a ocultou) que não era vista ou mencionada em qualquer tipo de registo, permanecendo desconhecida até ao arranque destes trabalhos de restauro.

A leitura da inscrição foi feita de imediato, no próprio local, sem necessidade de recurso a técnicas de levantamento epigráfico, graças à inexistência total de desgaste. Registou-se apenas uma ligeira desagregação do suporte pétreo, na zona inferior da base, que truncara parcialmente as letras da última regra da epígrafe, sem, contudo, inviabilizar a leitura. A inscrição revelou a dedicação do cruzeiro ao Bom Jesus, por António Pacheco, da casa de Ventoselas, Santo Estêvão de Barrosas, em virtude, possivelmente, de um voto ou de uma graça concedida, cujo texto se mostra organizado da forma seguinte<sup>5</sup>:

DEVACAM O BÕ  
IESVS q FES AN<sup>TO</sup>  
PA<sup>CO</sup> DE VENTOZE  
LAS P<sup>LAS</sup> ALMAS P N  
A M

Daqui decorre a seguinte leitura, já atualizada a grafia:

*Devoção ao Bom Jesus que fez António Pacheco de Ventoselas, pelas almas. Pai Nosso, Ave Maria.*

<sup>5</sup> Neste momento apresentamos apenas o texto da inscrição para melhor interpretação deste estudo. A análise epigráfica e o estudo paleográfico serão tema de publicação no decorrer do projecto Catálogo Epigráfico de Lousada, iniciado em março de 2013, que consiste na identificação e estudo sistemático das epígrafes localizadas neste concelho ou daí procedentes. Este projecto é da iniciativa, autoria e tem vindo a ser desenvolvido por Luís Sousa e pelo signatário do presente artigo.

A completar esta informação vem a inscrição da data na secção inferior do fuste do cruzeiro. Confere-se, portanto, que, em 1739, o devoto António Pacheco decidiu dedicar um cruzeiro ao Bom Jesus, que, pela data, só poderia ser o da Portela de Barrosas, pois o do Padrão da Serra estava agora a ter início.

Perante estes dados parece-nos evidente que a motivação originária não sobreveio de qualquer iniciativa emulativa, mas sim de um ato genuíno de devoção ao Bom Jesus da Portela de Barrosas, que, por esta época, já se constituía como uma referência de romagem da região<sup>6</sup>. Sustenta-se mais firmemente esta ideia pelo facto de se ter levantado o cruzeiro à face do caminho público que ligava o centro da freguesia de Santo Estêvão à capela do Bom Jesus.

Mostra-se oportuno, neste ponto, dedicar algumas linhas ao promotor da obra do cruzeiro, conferindo-se estes dados com aqueles que estão inscritos na *Memória e Lembrança*. Nos registos, em idade adulta, surge sempre com o nome António Pacheco Barrosas. O apelido de origem toponímica foi adoptado, provavelmente, durante uma permanência mais prolongada em alguma cidade do país, ou no Brasil, para onde se direccionava grande parte do fluxo migratório da época. Nasceu na freguesia de Santo Estêvão de Barrosas, sendo baptizado na sua matriz a 29 de Agosto de 1683, filho de Pedro Francisco e de Domingas Pacheco, do lugar de Além. É um dos filhos mais novos deste casal, facto que poderá ter estimulado uma presumível partida da terra natal em busca de melhores condições de vida. Entre os familiares mais próximos contam-se os irmãos Manuel Pacheco (b. 11.10.1676) e Rosária Pacheco (b. 12.11.1679), ambos mencionados na referida *Memória e Lembrança*. Casou aos 38 anos, a 26 de Janeiro de 1722, na matriz de Santo Estêvão, com Maria Pacheco Ferreira, filha de Gonçalo Pacheco (+ 6.1.1736) e de Águeda



Figuras 2. O cruzeiro após a remoção do retábulo-mor e do soalho.

Ferreira, de Ventoselas. António Pacheco Barrosas faleceu na sua terra a 7 de Novembro de 1741, sendo sepultado na igreja matriz<sup>7</sup>.

Os dados aqui apresentados conferem com o que foi escrito na *Memória e Lembrança*, com excepção das datas, como já anteriormente assinaláramos. A versão relatada nesse escrito, de a construção do cruzeiro estar relacionada com o cumprimento de um voto, torna-se muito admissível, não se vislumbrando qualquer indício de reprodução do culto. Pelo contrário, o voto e a dedicação do cruzeiro são em honra do Bom Jesus da Portela de Barrosas. Seguiu-se o desenvolvimento de uma devoção paralela, que não aparenta, na nossa perspectiva, uma ação deliberada

<sup>6</sup> Para uma percepção da importância que este centro devocional já alcançara nos inícios do século XVIII refira-se que em 1709 o visitador, Dom Rodrigo de Moura Teles, arcebispo de Braga, determina que se coloque uma caixa de esmolas (cofre de três chaves) com a indicação “Para as obras do Bom Jezu de Barrozas”, mostrando-se como a concorrência deromeiros já exigia alguns cuidados na recolha das ofertas. Nessa mesma ata de visita faz-se referência às “casas da Romagem”, para hospedagem dos devotos, e determina-se a escolha de um capelão permanente e pago (*Livro de Visitações...*, 1709:fol. 4-7v).

<sup>7</sup> As informações aqui deixadas foram obtidas através da consulta dos livros de registo paroquial de Santo Estêvão de Barrosas, disponíveis em <http://pesquisa.adporto.pt/details?id=540347>

de imitar. Percebe-se, isso sim, que, à medida que se vai afirmando, por via de milagres, e acolhendo o fervor dos devotos, vai assumindo inspiração própria e, em breve, ganha autonomia e identidade – transforma-se no Bom Jesus do cruzeiro (padrão) que está na serra. O volume de esmolas obtido, principalmente nos primeiros anos de existência, ainda antes da construção da capela, constitui uma clara evidência do efeito que a recente invocação do Bom Jesus granjeou na freguesia e nas terras limítrofes.

No *Livro que ha de servir para as contas do Senhor do Padrão da Serra*, registo imposto pelo visitador no ano de 1751 com o objectivo de controlar as receitas e despesas relativas à fábrica da capela que então se começava a edificar, ficou um apontamento praticamente coevo que o comissário nomeado para aprovar as contas obteve:

*sobre a origem do mesmo Senhor achou por pessoas fidedignas que elle fora mandado colocar no dito sittio por Antonio Pacheco de Ventozellas ja defunto desta mesma freguesia de Sancto Estevão de Barrozas pello motivo de hum voto e pormessa que disse fizera cuja colocação havia sido em o anno de mil e setecentos e trinta e nove como constava de humas letras escriptas no pe do padram do mesmo Senhor.*

*Achou que paçados alguns anos depois que o mesmo Senhor ahi foi colocado alguns feis ... .. rão a concorren[cia] ... .. esmolas para ... ..<sup>8</sup> [arre]cadação se offereceo espontaneamente Manoel Pacheco Monteiro do lugar d'alem desta mesma freguesia o qual arrecadou as esmolas que vinhão concorrendo des o anno de mil e setecentos e corenta e sinco athe agosto de mil setecentos e corenta e oito (Livro que ha de servir para as contas..., 1751:fol. 1v e 2).*

Com base na informação disponível, na qual incluímos o conteúdo da *Memória e Lembrança*, podemos avançar que, após o levantamento do cruzeiro em 1739, se terá colocado na sua base uma caixa para recolher as esmolas. Em data que não conseguimos apurar, mas seguramente compreendida entre 1745 e Agosto de 1748,

foi construído um nicho em arco para proteger o cruzeiro. Era assim que se apresentava o Bom Jesus do Padrão da Serra por meados do ano de 1751, momento do início da construção da primitiva capela.

## 5. A construção da capela

A construção de uma capela no local do cruzeiro começa por iniciativa do pároco de Santo Estêvão de Barrozas, Manuel Fernandes Leite. O processo inicia-se com a constituição de património para prover à sua fábrica através de uma doação de bens feita pelo pároco a 8 de Abril de 1749. A partir daqui o processo seguiu a tramitação normal neste tipo de casos, que consistia em reunir algumas informações imparciais acerca da conveniência e necessidade da capela, do local onde seria implantada e de outras condições que se revelassem importantes, conforme a diversidade das situações. No caso em apreço houve dois informadores, o visitador João de Freitas Peixoto e o pároco de São Vicente de Sousa, José Ribeiro dos Guimarães. Ambos se pronunciaram favoravelmente acerca da construção da capela. Por último, foi passada a licença de erecção a 5 de Novembro de 1750. Intermediando todo o processo sucedem-se os vistos e despachos de uma série de altos funcionários da corte bracarense<sup>9</sup>.

As obras ter-se-ão iniciado ainda nesse ano de 1750 ou logo nos inícios do ano seguinte, como se pode observar das contas apresentadas pelo depositário das esmolas, Manoel Pacheco Monteiro, que passou a servir também de tesoureiro, designado para controlar as receitas e despesas associadas ao Bom Jesus do Padrão da Serra. Do auto de contas para os anos de 1749, 1750 e 1751 já consta uma verba de 7 200 réis para cal, outra de 44 665 réis para carros de pedra e materiais (nos quais se englobavam os ferros para as janelas, ainda por colocar) e uma outra parcela de 70 400 réis para pagamento ao mestre-pedreiro António Pacheco Monteiro. Como é possível constatar a partir destes elementos, ao longo do ano

<sup>8</sup> Tinta apagada, ilegível.

<sup>9</sup> Tornar-se-ia redundante transpor para este texto todos os pormenores associados a este processo, uma vez que o mesmo está transcrito na totalidade no Apêndice Documental que se segue a este estudo.

de 1751 as obras avançaram a bom ritmo, tendo-se já despendido, entre mão-de-obra e materiais, pelo menos 122 265 réis (*Livro que ha de servir para as contas...*, 1751:fol. 3-4v).

A 19 de Janeiro de 1752 foi eleito um novo depositário das esmolas e tesoureiro, Domingos Pereira, de Além de Cima. Na apresentação de contas que fez para os anos de 1752 e 1753 consta uma verba de 67 600 réis para os pedreiros e um total de 63 400 réis para outras obras e materiais: armação do telhado, telha, carretos e cal. Fica, portanto, a ideia de que, por finais de 1753, o grosso da obra já estaria executado, com as paredes erguidas e o telhado posto (*Idem*:fol. 5-6).

Entre 1754 e 1756 os gastos com a continuidade das obras são residuais, registando-se apenas a colocação de ferragens nas portas e a finalização da obra do telhado entregue a um rebocador. É também de notar que as receitas provenientes das esmolas, principal fonte de rendimento da fábrica da capela, decaíram consideravelmente, num decréscimo constante que se pode acompanhar desde 1754 e que se acentuou no triénio de 1757-59 (*Idem*:fol. 6v e 7).

A última obra de relevo a ser realizada neste primeiro ciclo construtivo, apesar do declínio das esmolas, foi a escadaria, gruta (capela do Senhor do Horto) e pátio que se situam na frente do edifício. Entre obra de pedraria, arranque de pedra para entulho e carretos, este novo elemento arquitectónico orçou em 30 500 réis (*Idem*:fol. 7).

Assim, somadas as despesas relacionadas com a construção da capela, conforme constam do livro de contas, podemos avançar com um valor global que ascende a 295 765 réis, despendidos entre os anos de 1751 e de 1759. No escrutínio destas contas, em momento algum nos deparamos com gastos referentes ao recheio da capela (retábulos, sanefas, móveis), à aquisição de alfaias litúrgicas ou paramentos, ou a acabamentos como pinturas, pavimentos, etc. Esta constatação vem ao encontro da informação deixada pelo pároco de Santo Estêvão, em resposta ao inquérito

paroquial de 1758, em que afirma que *não se dis ainda missa nella, por não estarem as obras findas* (Capela et al, 2009).

Tudo indica que, em breve, se completariam as obras e o mais necessário provimento da capela, pois, a 17 de Julho de 1761, o visitador Manuel Félix Rodrigues registava, em capítulo de visita, que encontrara *com muito bom aceo a Cappella do Senhor do Padrão e como sou informado que se continua com zello em apreheioar a mesma Cappella não se me offrece outro provimento maiz que o de duas Pallas de linho fino ornado com rendas finas* (*Visitações*, 1719-1812:fol. 45).

Nem duas décadas haviam passado após a conclusão desta primeira fase de obras e logo temos notícia de uma nova iniciativa, desta vez promovida pelo abade José António Leite, que viria a conferir à capela o aspecto arquitectónico que evidencia na actualidade.

A 15 de Novembro de 1776 o arcebispo de Braga passou licença para que se efectuassem as obras pretendidas pelo pároco, argumentando-se que *no districto da sua freguesia há huã Capella publica do Bom Jesus do Padrão da Serra, a qual por ser pequena, se não fazem com a devida solemnidade as funções [... ] e por isso necessitava accrescentar-se ao corpo della, e fazer-se mayor a Capella mór* (*Licença para se aumentar...*, 1776:fol. 50). Sobre estas obras não foi possível reunir qualquer documentação, desconhecendo-se um registo das contas semelhante ao que fora feito para as obras anteriores. Sabemos, ainda assim, que a ampliação decorreu com brevidade, pois a 5 de Fevereiro de 1778 foi emitida provisão de licença para o pároco de Santo Estêvão poder benzer a capela, admitindo-se que as obras estariam, na sua globalidade, concluídas (*Provisão de licença...*, 1778:fol. 122v).

Entretanto, completando o conjunto arquitectónico e religioso que hoje se distingue no local, foi construída a capela de Nossa Senhora das Dores. A ideia terá surgido no seio dos fregueses ainda no decurso da ampliação da capela, tendo sido a pretensão exposta do seguinte modo: *representou o Reverendo Jozeph Antonio Leite, abba-*

*de da parochial igreja de Santo Estevão de Barrozas deste nosso Arcebispado, que pretendião alguns devotos edificar no lugar da Serra da mesma freguesia huã capella com o titulo de N. S. das Dores, para se fazerem com mayor culto, e veneração as funções, e procissoens da outra capella do Bom Jesus do Padrão (Licença para construir..., 1777:fol.76). Duas licenças foram passadas para a dupla autorização de construir e benzer, intervaladas apenas por um dia, a 7 e a 8 de Janeiro de 1777, o que nos leva a supor que, quando a petição foi feita, já a pequena capelinha tinha sido erguida pelos devotos.*

## 6. Apontamento Final

Com o texto aqui apresentado, sustentado por um corpo documental vasto e que promove o interesse e a continuidade da investigação, cremos que foi possível responder a questões muito concretas acerca da origem do culto ao Bom Jesus do Padrão da Serra e da sua evolução, especialmente evidenciada através da sua materialização em construções sucessivas que corporizaram não apenas a devoção, mas também o sentimento de pertença de uma população.

Numa reflexão breve e que merece novos contributos, afastou-se, pelo menos na nossa perspectiva, o aspecto emulativo da origem do culto, embora se demonstrasse que várias circunstâncias, na relação entre as freguesias de Santo Estevão e Idães, pudessem suscitar sentimentos nesse sentido. A *Memória e lembrança do princípio da capela do Padrão*, principalmente pelo seu anacronismo, poderá denunciar uma intenção deli-

berada de recuo da antiguidade, numa clara confrontação com o vizinho Bom Jesus da Portela de Barrozas. Contudo, vimo-lo com clareza, na sua origem não presidiu esse sentimento, mas sim a devoção ao Bom Jesus.

O lugar da Serra foi, num primeiro momento, sacralizado pelo levantamento de um cruzeiro no ano de 1739, em cumprimento de uma promessa feita por António Pacheco, de Ventoselas. Pouco tempo depois, em data imprecisa, mas situada entre 1745 e 1748, foi construído um nicho, ou cobertura, em arco para protecção do cruzeiro. Mas, logo no ano de 1749, já se observam diligências no sentido de construir uma capela, facto que se comprova pela constituição de património para a sua fábrica em virtude da doação do pároco da freguesia, Manuel Fernandes Leite, que se afirma como o grande impulsionador da obra.

Com a afluência de povo e de esmolos, as obras avançam rapidamente, estando o grosso concluído até ao ano de 1753, enquanto a escadaria e o nicho do Senhor do Horto se constroem entre 1757 e 1759. Em 1761 a capela já está aberta ao culto, conforme se depreende das observações do visitador.

Nem duas décadas depois da conclusão destas primeiras obras, o pároco José António Leite, requerem ao arcebispo licença para aumentar a nave e a capela-mor, referindo-se que o edifício era pequeno para as necessidades. Em 1778 as obras estão concluídas e vistoriadas, levando o prelado bracarense a autorizar a bênção da capela ampliada.



Figura 3. Memória e Lembrança do Princípio da Capela do Padrão. Esta pagela terá sido elaborada, ou reproduzida, a partir de exemplar mais antigo, cerca do ano de 1955 pelo pároco da freguesia, Padre Luís António Gouveia. Foi colada no verso da primeira página do Livro de Actas da Festa do Senhor Bom Jesus do Padrão de Santo Estêvão de Barrosas, cujo auto de abertura data de 31 de Maio de 1955. A festa da Ascensão foi retomada precisamente nesse ano de 1955, depois de um interregno de 6 anos. Estes dados foram gentilmente cedidos para consulta pelo Sr. Padre José da Fonseca Lemos.

## 7. Apêndice Documental

1749 Abril 8 → 1755 Junho 7

Registo da licença concedida pelo arcebispo de Braga para construir a capela do Bom Jesus do Padrão da Serra, em Santo Estêvão de Barrosas, contendo o auto de património, a petição do requerente, a informação do visitador e a informação do abade de São Vicente de Sousa, e demais vistos e despachos.

R) Arquivo Distrital de Braga. Registo Geral. Livro 121, fólios 457v-464.

### **Petição e registo de provisão a favor de Manoel Fernandes [fl. 458] Leyte Abade de Santo Estevam de Barrosas deste Arcebispado.**

Serenissimo Senhor

Diz Manoel Fernandes Leyte Abade de Santo Estêvão de Barrosas deste Arcebispado Primas que nos limites da sua freguesia se acha hum cruzeyro com sua imagem coberta com hum nicho de pedra com a invocação do Bom Jezus do Padrão da Serra aonde concorre muito povo a vizitalla com a sua devoção e por ser sitio apto e vizinho de moradores e passagem pera varias partes do Reyno tem o supplicante grande fervor e devoção de mandar fazer huma cappela no ditto sitio para mayor veneração do mesmo Senhor e utilidade dos moradores circonvizinhos puderem aestir ao santo sacraficio da missa que nella se celebrar e para a sua fabrica lhe dota a propriedade que consta da escriptura junta.

Petição a Vossa Alteza Serenissima se digne conceder lhe licença ao supplicante para fazer de novo a ditta cappella no sittio referido e recebera a merce.

Informe o vezitador vendo o sitio e a distancia em que fica da igreja parochial e se he a cappella necessaria para a admenistração dos sacramentos, Mursa trinta de Mayo de mil [fol. 458v] e settecentos e sincoenta e hum anos, Jozeph Arcebispo Primas.

[Informação do Visitador]

Serenissimo Senhor, estando em vizitação nesta freguezia de Santo Estêvão de Barrosas vi o sitio de que na petição retro se fás menção aonde se acha o cruzeiro com a imagem do Bom Jezu em hum nixo e a elle concorre muito povo de romaria em dias do preceyto e em outros .... .. dou por informação e eu vi na occazião da vezita o qual sitio esta a beyra de huma estrada piquena e nelle ha alguns vezinhos que ficão em distancia da igreja matris perto de hum quarto de legoa e máo caminho por onde passão digo por onde me parece sera de utilidade para ademenistração dos sacramentos a cappella que se pertende fazer e tambem para edeficação e mayor fervor da devoção dos fieis devottos que me constou para ella querião concorrer. Vossa Alteza Serenissima mandará o que for servido. Em vezitação de doze de Julho de mil e settecentos e sincoenta anos. De vossa Alteza Serenissima o mais hu-[fol. 459]milde subditto e criado, João de Freytas Peyxotto.

Remetida ao nosso Provisor. Chaves de Setembro dezaseis de mil e settecentos e sincoenta anos. Joze Arcebispo Primas.

Vista, ao Reverendo Dezembargador Procurador geral da Mitra, Roza.

Sirvaçe Vossa Merce mandar que hum dos Reverendos Parrochos vezinhos informe a respeyto dos bens dotados da qualidade dellas e rendimentos e o mais que se lhes offercer a respeyto da supplica, Dias.

Informe na forma requerida, Roza.

Informe o Reverendo Parrocho de S. Vicente de Souza, Roza.

[Informação do pároco de São Vicente de Sousa]

Muito Reverendo Senhor Doutor Provizor, por virtude do despacho de Vossa merce fuy ao sitio adonde se acha a imagem do Bom Jezu do Padrão da Serra o qual se acha coberto com hum nicho de pedra lavrada feito de abobeda que esta junto a huma estrada publica que vai para o Porto e mais partes do Reyno e fica este munto distante da igreja matris e vendo tambem as terras de que consta a doação junta e informando me com pessoas fidedignas a repeyto do valor dellas achey que valem duzentos e sincoenta mil reis e que são de herdade dizimas a Deos sem [fol. 459v] conhecerem senhorio algum que vem a ser sinco moradas de cazas e suas hortas e alguma terra lavradia que cada huma paga de foro quinhentos e vinte e fora outras que servem de fabrica do Senhor que pagavam de arrendamento dous mil reis e assim ficão rendendo as cazas e hortas e terra labradia quatro mil e oitenta reis cada hum anno livres para a fabrica da ditta cappella e em rezão de crescer mais huma morada de cazas que de novo se fizeram depois da doação e por estas terras serem de herdade valem mais do que rendem porque há muito quem compre e pouco quem venda e hé o que posso informar a Vossa merce e mandará o que for servido. S. Vicente de Souza vinte e sinco de outubro de 1750 annos ao serviço de Vossa Merce o Abbade Joze Ribeyro dos Guimarens.

Visto, ao Reverendo Dezembargador Procurador geral da Mitra, Roza.

A vista da informação se pode diferir a licença que [fol. 460] se pertende, Dias.

Passe licença na forma do estillo, Roza.

[Licença]

O Doutor Jozeph Ferreyra Roza Abbade da Igreja de São Pedro de Bayrro, Dezembargador, Provizor e vi-gário geral nesta corte e arcebispado de Braga por sua Alteza o Serenissimo Senhor Dom Jozeph Arcebispo e Senhor de Braga Primas das Hespanhas et cetera. Attendendo ao que na supplica retro representou ao mesmo Serenissimo Senhor Manoel Fernandes Leyte Abbade de Santo Estevão de Barrozas deste arcebispado a re-peyto de que nos limites da sua freguezia se acha hum cruzeiro com sua imagem coberta com a invocação do Bom Jezu do Padrão da Serra aonde concorre muito povo e que elle supplicante tem grande dezejo e devoção de mandar fazer huma cappella no ditto sitio para mayor veneração do mesmo senhor e utilidade dos moradores circunvizinhos puderem aestir ao santo sacraficio da missa e pelas mais couzas ponderadas na ditta supplica e pella escriptura junta ter obrigado bens de bastante valor e rendimento para conservação e fabrica da ditta cappella a vista de que e da informação do Reverendo visitador e informa-[fol. 460v]ção do Parrocho de S. Vicente respostas do Reverendo Doutor Procurador giral desta Mitra Primas e ... .. do mesmo Serenissimo Senhor lhe concede licença a elle ditto supplicante para que no sittio de que trata possa de novo eregir a ditta cappella a qual se fará com toda a dencia (sic) e perfeição devida de sorte que fique separada das cazas e com a porta para o publico e sem prejuizo dos direyos parrochiaes tudo na forma da ditta resposta ao que satisfeyto requerirá licença para a sua bênção para o que mandey pasar a presente que ao depois de por mim ser assignada se registará no Registo geral desta Corte com todos os documentos juntos sem o que não valha. Dada em Braga sob meu signal e sello desta Corte aos sinco de Novembro de 1750 annos e eu Manoel de Gouvea da Costa Pereyra escrivão da camera eccleziastica sobescrevi.

Visto por Prames (?).

Ao sello sinco mil e seis centos, Monteiro. [fol. 461]

Ao Registo grátis, Duarte.

Ao escrivão secenta reis.

Ao Registo geral seu regimento.

Para vossa merce ... Jozeph Ferreyra Roza.

[Auto de Património]

Doação de bens que fes o Reverendo Manoel Fernandes Leyte Abbade de Santo Estevão de Barrozas ao Bom Jezu do Padrão da Serra sitto na ditta freguezia termo da villa de Guimarens.

Em nome de Deos Amen. Saybão quantos este publico instrumento de doação e nomeação de bens e trespassação de direyto deste dia e hora para todo sempre ou como em direyto melhor lugar haja e mais firme e valioso seja virem que no anno do nascimento de nosso Senhor Jezu Christo do anno de mil e settecentos e sin digo centos e quarenta e nove anos aos oito dias do mes de Abril do ditto anno em o lugar de Gradim que he da freguezia de São Salvador de Unhão deste concelho de Unhão onde eu tabalião vim e ahi perante mim tabalião e das testemunhas ao diante numeadas e assignadas apareceo prezente a saber o Reverendo Manoel Fernandes [fol. 461v] Leyte Abbade de Santo Estevão de Barrozas do termo da villa de Guimarens pessoa bem reconhecida de mim tabalião e das testemunhas ao diante numeadas e assignadas que dou eu tabalião fé ser elle o mesmo sobredito e pello tal nome assim chamado e logo pello ditto Reverendo Manoel Fernandes Leyte Abbade da dirra freguezia de Santo Estevão de Barrozas foy ditto e com effeito disse que elle tinha e pussuhia e estava de posse de humas terras e cazas dizimas a Deos sitas junto a huma hermidia digo sitas a huma imagem de hum cruzeyro de pedra com a invocação do Bom Jezu do Padrão da Serra o qual esta debayxo de hum aixó (sic) feito de pedra e tudo he sitto nos lemites da ditta freguezia de Santo Estevão de Barrozas do ditto termo da Villa de Guimarens e Arcebispado de Braga os quais bens e terras e cazas foy avaliado tudo por louvados juramentados homens de boas e sans consciencias como foy Antonio Dias [fol. 462] Antonio Pacheco Monteyro ambos do lugar de Sima de Villa da mesma freguezia de Santo Estevão de Barrozas que avaliarão os dittos na quantia de duzentos e sincoenta mil reis livres e tem mais em seos dittos bens tres moradas de cazas com suas hortas que ditas lhe pagão de foro a elle Reverendo Abbade Manoel Fernandes Leyte tres mil e duzentos reis cada hum anno por hum sendo e tem mais huma leyra de terra lavradia que vai metida no vallor dos dittos duzentos e sincoenta mil reis que poderá render hum anno por outro de ductis expensis sette medidas de pão livres que tem sua agoa de rega e lima para a ditta terra e hortas que muito mais pello tempo adiante pudera render por de prezente estar com pouca cultivação e tudo está circuitado em redondo por hum muro e asim como tinha e pesuhia e estava de posse dos dittos bens com todas suas pertenças entradas e sahidas e serventias novas e antigas rottas e por romper tudo de rio monte e m (sic) fonte disse que pello dezejo que tinha e devoção e fervor ao mesmo Bom Jezu do Padrão da Serra [fol. 462v] e pellos muitos milagres que o mesmo Senhor tem feito e se espera faça e por estar dentro da ditta freguezia e na borda da estrada publica que vay pera varias terras continuamente com muita concorrancia de gente e para mais utilidade dos .... seos freguezes mais circonvizinhas para lá ouvirem missa no cazo que sua alteza serenissima assim o haja por bem disse elle ditto Reverendo Abbade Manoel Fernandes Leyte que todos os bens aqui numeados todos os dava e dotava e numeava ao mesmo Senhor para a sua fabrica e para veneração de huma cappella que pertende mandar fazer ao mesmo Bom Jezu do Padrão da Serra e mais veneração do mesmo Senhor e no mesmo Senhor e para toda a sua veneração disse sedia e mudava traspasava e trasferia todo o puder direyto posse e razão acção util demimio e senhorio que nos dittos bens aqui dotados e nume-[fol. 463] ados tinha e podia vir a ter e pede muito de merce a todas as justissas de sua Real Magestade que Deos guarde asim eccleziasticas como seculares lhe dem a esta numeação e doação de bens e trespassação de direyto sua autoridade e consentimento aprazando lhe e não lhe aprazando lhe não prejudique o seu direyto e posse e se obriga elle ditto Reverendo Abbade Manoel Fernandes Leyte por sua pessoa e bens moveis e de rais presentes e futuros e terças de sua alma a fazer esta doação e numeação de bens boa e de pás firme e segura e valioza em todo o tempo do mundo tudo na forma e maneyra que nella de contem em fé e testemunho de verdade por de tudo ser contente assi me disse e outorgou e aseytou e mandou a mim tabalião fazer o prezente instrmento de doação e numeação de bens em este meu livro de nottas de cujo theor mandou dar os traslados necessarios que comprissem deste teor em tabalião como .... a publica estipulante e aseitante tudo estipuley e aseitey em nome [fol. 463v] das partes presentes e não presentes sendo a tudo testemunhas presentes o Reverendo Anastacio Jozeph Leite vigário de Santa Maria de Revinhade do concelho de Filgueyras e Affonço Manoel Leite morador na mesma freguezia de Santo Estevão de Barrozas do ditto termo da villa de Guimarens e Jozeph Ribeyro familiar do ditto Reverendo dotador e natural da freguezia de São Thiago de Lutoza (sic) do termo da Cidade do Porto que todos aqui assignarão com o ditto Reverendo dotador Manoel Fernandes Leite depois de lido este instrmento. Eu Antonio Jozeph Coelho tabalião que o escrevi. Antonio Jozeph Coelho, o Abbade Manoel Fernandes Leyte, o vigário Anastacio Jozeph Leite, Jozeph Ribeyro, Afonço Manoel Leite. E não se continha mais na ditta doação que eu sobredito Antonio Jozeph Coelho tabalião de autto judicial e nottas [fol. 464] no concelho de Unhão por sua real Magestade que Deos guarde trasladei da propria nota donde a lancey que vai na verdade sem borras nem entrelinha nem couza que duvida faça que aqui por mim uzem a de ... .. a propria nota que fica em meu puder e cartório a elle em todo e parte me reporto e me assigno em publico ..... dia mes e anno ut supra. E eu Antonio Joze Coelho tabalião que o escrevi em fé e testemunho de verdade, Antonio Jozeph Coelho.

[Registo]

E não se continha mais na dita escriptura que eu Francisco Jozeph de Carvalho escrivão do Registo Geral desta corte escrevi na verdade e em ser ella me assigno Braga 7 de Junho de 175[5] e eu sobredito escrivão a escrevi e assiney. Francisco Jozeph de Carvalho.

## 8. Fontes e Bibliografia

### Arquivo Distrital de Braga. Registo Geral

*Obrigaçao a fabrica do cappella do Bom Jessus da Portella sitta na freguesia de Santo Estevão de Barrozas termo de Guimarães.* Lv. 17, fol. 64-66.

*Petiçao e registo de provisao a favor de Manoel Fernandes Leyte Abbade de Santo Estevam de Barrozas deste Arcebisado.* Lv. 121, fol. 457v-464.

*Provisao de licençaa para benzer a capela do Bom Jesus da Serra de Barrosas.* Lv. 209, fol. 122v e 123.

*Sentençaa cível de auto de vistoria, demarcaçao de limites e composiçao para titulo da igreja de Santo Estevão de Barrosas.* Lv. 224, fol. 99-102v.

*Licençaa para se aumentar o corpo e a capela-mor da capela do Bom Jesus do Padrão da Serra.* Lv. 294, fol. 50 e 50v.

*Licençaa para construir e para benzer a capela de N. S. das Dores.* Lv. 294, fol. 76 e 76v.

### Arquivo Distrital do Porto. Fundo Paroquial. Paróquia de Santo Estêvão de Barrosas

Registo de Baptismos, Casamentos e Óbitos.

Registo de Receitas. *Livro que ha de servir para as contas do Senhor do Padrão da Serra.*

*Visitações.* 1719-1812.

### Seminário Maior da Diocese do Porto

*Capítulos das Visitas.* Ma. 47.

### Arquivo Paroquial de Barrosas (Santo Estêvão)

*Livro de Actas da Festa do Senhor Bom Jesus do Padrão de Santo Estêvão de Barrosas.*

### Estudos

ALMEIDA, C.A.F. (1995) – *Patrimonium. Inventário da terra de Sousa.* Porto: Etnos. CD-ROM.

CAPELA, J.V.; MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2008) – *As freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758.* Braga: Ed. Autor.

CARVALHO, A.P. (1985) – *Pachecos. Subsídios para a sua genealogia.* Lisboa: [s.n.].

MOURA, A.S. (2009) – *Lousada Antiga. Das freguesias.* Lousada: Ed. Autor.

SILVA, J.C.R. (1997) – *As capelas públicas de Lousada.* Porto: Universidade Portucalense. (Tese de Seminário em Património Artístico). Vol. II.